

“CIÊNCIA SEM CONSCIÊNCIA NÃO É SENÃO A MORTE DA ALMA”

Paulo Pozzebon - IFAN

Michel de Montaigne escreveu essa frase no século XVI, mas desde então ela vem ganhando atualidade. Desde a Antigüidade, os homens procuram uma forma certa e segura de conhecimento, livre das falhas do senso comum. A esse ideal chamou-se Ciência.

A Ciência surgiu dentro do mesmo movimento de pensamento racional que criou a Filosofia e, durante muitos séculos, caminhou junto desta, misturando os resultados de suas observações às interpretações lógicas, ontológicas e valorativas da Filosofia.

Foi somente com a Modernidade, especialmente a partir de Galileu, que as ciências começaram a estruturar-se como disciplinas autônomas, separadas da Filosofia, dotadas de métodos específicos e capazes de proporcionar conhecimentos empíricos e quantificados, apoiados por descrições inteiramente racionais das leis da Natureza.

Seu potencial técnico e econômico desde logo ficou claro, e a Ciência cedo passou a ser buscada como fonte de prosperidade e de poder. As conquistas posteriores, celebrizadas pelas ciências da saúde, bem como pela tecnologia bélica e industrial, sacralizaram a Ciência, e a transformaram no maior mito de nosso tempo: a Ciência progredirá sempre, solucionando todos os problemas, desvelando todos os mistérios e curando todos os males.

Entretanto, a Ciência pagou um preço alto pelo seu sucesso. Ela restringiu sua abrangência ao campo do material, do experienciável, do empiricamente observável. Não é pouco, mas muitos outros campos da realidade ficaram fora: o importantíssimo campo dos valores (onde se investiga o que torna os atos bons, as artes belas, as leis justas, a conduta honesta, etc); o existir humano e o sentido da vida; as artes, a ontologia, a ética, a discussão sobre o transcendente, a força explicativa dos mitos, entre outras, ficaram também fora do alcance explicativo e, portanto, da esfera de competência da Ciência.

Para continuar e aprofundar:

Um texto breve e rico, com linguagem simples, é *Ciência e perspectivas antropológicas hoje*, do prof. Régis de Moraes, publicado por Maria Cecília de Carvalho em *Construindo o saber* (Editora Papirus, 2000). Vale lembrar o já clássico filme *Matrix* (1999), dirigido por Joel Silver, que usa a ficção para questionar a tecnologia.

Separada das preocupações filosóficas que a originaram, a Ciência ilude-se com sua pretensa auto-suficiência, considerando-se a única forma válida de conhecimento. A validade e a coerência de suas afirmações são erroneamente confundidas com a verdade; o importantíssimo desenvolvimento de seus métodos pretende dispensar toda epistemologia e elidir a historicidade e a relatividade dos próprios métodos científicos; a objetividade dos achados empíricos favorece a ilusão de que a Ciência é impermeável a interesses e a distorções ideológicas. A necessidade de pesquisar um campo novo aparece muitas vezes como supra-ética.

“Ciência sem consciência” é a Ciência que se isolou das reflexões sobre o homem, sobre valores éticos e mesmo sobre seus próprios fins, tornando-se presa de uma forma de racionalidade tão-somente instrumental, inteiramente voltada ao como fazer.

As conseqüências desse tipo de Ciência são nítidas: apesar de pretender ser a luz da Humanidade, em grande parte das situações, a Ciência deixa-se controlar pelas organizações que lhe financiam a pesquisa, ou pela destinação que lhe impõem as expectativas do mercado.

O conhecimento científico reduz-se a mercadoria. Ensinada nas universidades, a Ciência sem Consciência não forma pensadores, mas aplicadores; não forma criadores, mas repetidores; não forma agentes construtores da sociedade, mas apenas reprodutores profissionais das expectativas e critérios do mercado capitalista. Empobrece-se assim o espírito humano, morre o ideal da libertação pelo saber, triunfa a razão cativa da técnica.

A Ciência precisa urgentemente de consciência. Precisa reencontrar suas raízes e entabular profundo diálogo com as outras formas do saber (Arte, Filosofia, Teologia, Mito e outras), redirecionando suas preocupações para a destinação humana do conhecimento. A Universidade consciente de sua Missão pode tornar-se o lugar deste diálogo.

“A Ciência isolou-se da reflexão sobre o homem, sobre os valores e sobre seus próprios fins.”